

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

ANDRÉA DE MOURA MANCUSO

**Pedagogia de Projeto na formação do
indivíduo como ser social**

**Porto Alegre
2010**

ANDRÉA DE MOURA MANCUSO

**Pedagogia de Projeto na formação do
indivíduo como ser social**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/UFRGS.

**Orientador:
Prof. Dr. Eliseo Reategui**

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Agradecimentos

Aos meus primeiros mestres: meus pais, Pedro e Helena, pelo amor, pelos ensinamentos, pelo exemplo de postura de vida e pelos meus irmãos. À minha mãe um agradecimento especial pelo apoio constante e incondicional, a quem admiro por sua força de vida, sua sensibilidade, dedicação e generosidade.

Aos meus irmãos e irmãs e suas famílias pela presença em minha vida nos bons momentos e nos outros também. Pela alegria e divertimento que é conviver com todos.

Ao Paulo, pelo apoio, compreensão e companheirismo que foram determinantes neste percurso.

Ao Lorenzo, meu filho, presente de Deus, que compreendeu minha necessidade de dedicação aos trabalhos, roubando-lhe um pouco do nosso tempo de convívio.

Aos colegas de curso por partilharem e contribuírem nesta trajetória, por vezes bem complicada.

Aos mestres, tutores, professores, funcionários, enfim todos os profissionais que se envolveram para que este curso se realizasse e chegasse ao fim com sucesso. Fiz uma prece especial a eles, principalmente nas noites frias e de chuva, por eu não precisar sair de casa, poder estar no aconchego da minha família e ainda fazer os trabalhos e chegar até aqui.

Aos meus colegas de trabalho pelo apoio e com quem sempre aprendo.

Aos que foram, aos que são e aos que serão meus alunos. É com eles que aprendo no dia-a-dia a ser professora.

Resumo

Este trabalho discorre sobre a Pedagogia de Projeto diferenciando-a das práticas transmissivas de ensino e associando-a à articulação dos saberes da escola com os saberes da vida. A pesquisa busca elucidar como a Pedagogia de Projeto pode contribuir na formação do indivíduo como ser social. Ao propor a reflexão sobre este processo, apresenta-se uma breve comparação com práticas transmissivas baseadas no empirismo e no apriorismo. Tais práticas se contrapõem ao construtivismo, o qual acredita que a aprendizagem só ocorre a partir dos conhecimentos prévios do aluno e de sua ação sobre o objeto em estudo, concebendo um novo conceito frente a novas informações e refletindo sobre elas. Desta forma a Pedagogia de Projeto é uma prática que leva o sujeito à construção da sua aprendizagem, usando como meio a investigação, a conscientização, a cooperação, a expressão, a autoria, a autonomia e a interação. A articulação dos saberes da escola com os saberes da vida acontece naturalmente, pois o tema surge a partir do interesse do aluno. Segundo Piaget (1986) o indivíduo, criança ou adulto, só se move interna ou externamente quando estimulado por uma necessidade ou interesse. A metodologia usada neste trabalho foi baseada em um estudo de caso realizado com três alunos. O estudo de caso foi elaborado a partir da observação dos sujeitos durante o estágio, registrando informações relevantes em um diário de campo. Os referenciais teóricos empregados foram de Jean Piaget, Fernando Becker, Fernando Hernández, Paulo Freire, entre outros. A partir da aplicação da Pedagogia de Projeto, constatou-se a mudança no comportamento e na expressão dos alunos em relação à preocupação com a cidade, com o bem da coletividade, com a busca de justificativas e soluções para problemas reais. Tais mudanças de comportamento demonstraram que os sujeitos desenvolveram consciência de sua realidade e se colocaram como atuantes neste processo de melhoria. Neste sentido, Hernández (1998) diz que o ensino tem por finalidade promover nos alunos a compreensão dos problemas investigados e compreender é ter a capacidade de ir além das informações. Assim, é possível concluir a partir deste trabalho que a Pedagogia de Projeto proporciona uma re-significação da postura pedagógica. Além disso, por exercitar a democracia, traz um resultado positivo na relação ensino-aprendizagem e na formação do indivíduo como ser social.

Palavras chaves: interação, autonomia, autoria.

Sumário

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 7 |
| 2 APRENDIZAGEM..... | 9 |
| 3 PEDAGOGIA DE PROJETO | 12 |
| 4 A PRÁTICA..... | 18 |
| 4.1 Contextualizando a prática..... | 18 |
| 4.2 Investigação e conscientização | 18 |
| 4.3 Cooperação, expressão e autoria | 22 |
| 4.4 Autonomia e interação..... | 24 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 28 |

1 INTRODUÇÃO

Com a grande oferta de estímulos sonoros e visuais dos meios de comunicação e dos jogos tecnológicos a escola necessita descobrir estratégias para estimular os alunos em sala de aula. A criança traz uma curiosidade natural que muitas vezes por estar muito distante das aprendizagens da escola, não é satisfeita.

Na constante intenção de melhorar a qualidade do ensino criam-se novas propostas. O ensino e suas propostas estão ligados a cultura, a construção da sociedade que se deseja. Contudo, nem todos têm consciência que sua atuação ou omissão participa desta construção. A escola também é responsável pela formação do cidadão. Giroux (1997) propõe formar e encarar os professores como intelectuais transformadores para “educar os estudantes para serem ativos e críticos”.

A turma a qual atuei no estágio se mostrava disposta as propostas de trabalho, mas apresentava dificuldade em buscar a solução para os problemas. Observando o relacionamento dos alunos percebi que a convivência poderia ser mais amistosa, menos agressiva, tanto nas palavras quanto nas atitudes. Os principais objetivos que nortearam meu planejamento foram questionar e incentivar a refletir. Também durante minha prática, especialmente usando as mídias e tecnologias digitais, questionava-me o quanto o professor inova ou reproduz práticas transmissivas apesar de trazer novas ferramentas. Trazer inovações, sem proposta pedagógica definida não assegura a aprendizagem. A escolha de trabalhar com projetos aconteceu a partir destas constatações.

Pedagogia, segundo o dicionário Aurélio é “teoria e ciência da educação e do ensino”. Podemos dizer que é um estudo, formando um conjunto de princípios, hipóteses, dedicados à educação e ao ensino. Enquanto projeto é a intenção, é um plano geral para a concretização de uma ideia ou proposta.

A Pedagogia de Projeto são práticas na aprendizagem estruturada a partir de planejamentos, apoiada em teorias que proporcione ao aluno a construção de seu conhecimento. Para Hernández (1998, p.88):

Os projetos de trabalho constituem um planejamento de ensino e aprendizagem vinculado a uma concepção da escolaridade em que se dá importância não só à aquisição de estratégias cognitivas de ordem superior, mas também ao papel do estudante como responsável por sua própria aprendizagem. Significa enfrentar o planejamento e a solução de problemas

reais e oferecer a possibilidade de investigar um tema partindo de um enfoque relacional que vincula ideias-chave e metodologias de diferentes disciplinas.

Trabalhar com projeto permite desenvolver temas em diversas áreas do conhecimento, de interesses dos alunos, partindo do seu conhecimento prévio, provocando a motivação para investigar.

Há vários anos trabalhando como professora na rede estadual de ensino tenho feito tentativas para, muito mais que desenvolver conteúdos pré-estabelecidos, despertar a curiosidade, o interesse e o prazer em aprender, nos alunos. Os trabalhos desenvolvidos através de projetos satisfizeram de forma mais abrangente. Então, comecei a buscar mais informações sobre projetos, teorias e experiências.

No presente trabalho proponho uma reflexão sobre a Pedagogia de Projeto na formação do indivíduo como ser social, como cidadão; utilizando a experiência do estágio em docência da graduação de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Indagando, como a Pedagogia de Projeto contribui na formação do ser social, desenvolverei nos capítulos seguintes sobre as diferenças entre as práticas transmissivas de ensino e a Pedagogia de Projeto na formação do cidadão, e sobre a Pedagogia de Projeto como articulação dos saberes da escola com os saberes da vida, trazendo subsídios a partir da prática vivida.

2 APRENDIZAGEM

As informações chegam cada vez mais, em maior número e mais rápidas, muitas vezes de forma tendenciosa, a sociedade e as relações estão mudando, a escola precisa partilhar desta evolução, não pode ser a mesma, não pode ficar parada no tempo.

A televisão tem sido uma grande companheira das crianças e de onde recebem muitas informações e por vezes, valores. Não há necessidade dos professores contraporem-se aos meios de comunicação, é importante trazer para a sala de aula com a intenção de questioná-los: a linguagem, os valores, as informações e propagandas veiculadas. Os meios de comunicação também trazem implícita ou explicitamente um posicionamento político. Para ter consciência do discurso que os meios de comunicação pregam, especialmente dos modelos consumistas vigentes, e poder fazer escolhas, é preciso desenvolver a crítica.

Para que a crítica seja desenvolvida o indivíduo precisa ter autonomia ou esta estar em desenvolvimento. A autonomia é a capacidade de governar-se por si mesmo. Para Piaget “[...] a autonomia da pessoa opõe-se ao mesmo tempo à anomia, ou ausência de regras (o eu) e à heteronomia, ou a submissão às regras impostas do exterior. Neste sentido, a pessoa é solidária com as relações sociais que mantém e produz”. (1986, p.65)

Piaget diz também que: “[...] existe um estreito paralelismo entre o desenvolvimento da afetividade e o das funções intelectuais, já que estes são dois aspectos indissociáveis de cada ação.” (1986, p.37) Portanto, a afetividade nas relações na escola é fundamental para a aprendizagem do aluno. Valorizar sua participação e suas características, aceitar a forma como ele pode contribuir e motivá-lo a ir além, testando seus limites, acreditando em suas potencialidades, elevando sua auto-estima.

Segundo Becker (2001) é possível afirmar que há três formas de representar a relação ensino-aprendizagem e que cada modelo pedagógico é sustentado por uma determinada concepção epistemológica: empirista, apriorista ou

construtivista.

Na empirista acredita-se que o indivíduo ao nascer não tem conhecimento algum, “é tábula rasa”. Seu conhecimento vem do meio físico ou social. O professor transfere seus conhecimentos aos alunos, sendo esperado dos alunos: a atenção voltada as falas do professor, a submissão, um ambiente silencioso, copiar, ler e escrever o que lhe é indicado, repetindo tantas vezes quantas forem suficiente para “aprender”. De fato, a expressão da aprendizagem seria a capacidade de reproduzir o que lhe foi apresentado, sendo esta considerada a compreensão. Desta forma tudo se repete, ano após ano, o professor transmite, o aluno recebe e segue. O indivíduo estará preparado para um mercado de trabalho que deseja um executor, aquele que mesmo sem concordar não questiona, não contesta, tampouco transforma.

Na apriorista acredita-se que o indivíduo ao nascer já traz seu conhecimento programado na sua herança genética. Todas as evoluções deste ser está prevista, poucos estímulos são o suficiente para desenvolver o conhecimento. A interferência do professor não se faz necessária, pouco tem a contribuir. Assim, a aprendizagem, o aproveitamento e as oportunidades do aluno terão como justificativa a genética. Se tiver um bom meio de convívio a justificativa para sua produção será sua boa genética. O aluno de classes menos favorecidas, sem orientação sua produção ficará prejudicada, então se justifica por sua carga genética deficitária. Mantém as diferenças sociais, impedindo mudanças.

Na construtivista acredita-se que o indivíduo só aprenderá algo se ele construir este conhecimento. Ele precisa agir, refletir, discutir, concluir para compreender, sobre um conhecimento prévio, construindo um novo conceito diante de novas informações e reflexões. Para Piaget o conhecimento se estabelece através da assimilação, acomodação e adaptação. A assimilação é o abalo dos conhecimentos anteriores, a transformação do conhecimento é a acomodação, e a adaptação seria o resultado deste processo, o novo conceito formado com o que foi agregado. Para Becker (2001, p.72):

Construtivismo significa isto: a ideia de que nada, a rigor está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado – é sempre um leque de possibilidades que podem ou não ser realizadas. É constituído pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e que se constitui de sua

ação, e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento.”

A Pedagogia de Projeto, como a teoria construtivista, não se limita a uma prática, um método ou um passo a passo, é uma visão mais ampliada da construção da aprendizagem a partir da relação do sujeito com o objeto. Uma proposta de interferência do sujeito na transformação da sociedade em que vive. Ela propõe práticas que modificam não apenas as atividades em sala de aula, mas em todo o ambiente escolar, refletindo no relacionamento entre seus participantes e desenvolvendo hábitos que são demonstrados nas atitudes dos alunos e professores. Instaura-se a certeza de que o professor não é o único que tem as respostas, o detentor do saber, tornando as relações igualitárias.

O próximo capítulo aborda de maneira mais detalhada a Pedagogia de Projeto, evidenciando por suas características, como ela pode auxiliar na formação do ser social e como articula os saberes da escola com saberes da vida, fazendo uma breve relação com as práticas transmissivas.

3 PEDAGOGIA DE PROJETO

O indivíduo não percebe o mundo a sua volta em partes, tampouco os saberes escolares podem estar dissociados dos saberes da vida ou das necessidades e interesses dos alunos, portanto é necessário que as propostas pedagógicas tragam uma perspectiva globalizada e interdisciplinar, melhor se puder ser transdisciplinar. Fernando Becker em uma de suas explicações sobre o construtivismo diz: “Uma teoria que nos permite interpretar o mundo em que vivemos, além de nos situar como sujeitos neste mundo.” (2001, p. 72)

Então, a escola não pode supervalorizar a cognição em detrimento das demais habilidades. Ao ensinar o professor deve propiciar experiências e instigar para a solução de problemas. O aluno aprende participando, refletindo, interagindo, sentindo, concluindo, escolhendo. Além dos conteúdos a escola por proporcionar a convivência, ensina o relacionamento entre pessoas diferentes do seu círculo familiar.

Na Pedagogia de Projeto educadores e alunos precisam aprender a trabalhar, já que esta é uma proposta diferente de ensinar e aprender. As práticas transmissivas doutrinaram os alunos a receber do professor o que ele tinha para oferecer, na forma, no tempo e na quantidade estipulada por ele. O professor como o detentor do saber e da proporção adequada para ser ensinada.

A padronização do conhecimento escolar traz consigo a crença do controle, o quanto o aluno pode ou deve saber, acreditando serem previsíveis suas ações. Conceituando de bom aluno aquele que fica quieto, um executor de atividades que não questiona, ignorando que cada indivíduo traz vivências, cultura e habilidades diferentes, portanto, aprende diferente.

Na Pedagogia de Projeto o professor também é aprendiz. Pesquisando, discutindo, testando, comparando o pensavam e o que modificou após a pesquisa, professor e alunos aprendem juntos. O professor deve estar atento ao ritmo de aprendizagem de cada aluno, instigar a troca de ideias, valorizar a opinião de todos da mesma forma, respeitar as diferenças e habilidades específicas de cada um.

Nesta proposta de trabalho o professor acompanha todo o processo, desde a busca da informação que seja relevante, orienta na seleção, na comparação, discussão, avaliação, conclusão, contextualização para que através destes passos seu aluno construa seu conhecimento. Becker diz também que: “O professor além de ensinar, precisa aprender o que seu aluno já construiu até o momento – condição prévia das aprendizagens futuras.” (2001, p. 27)

O tema, o planejamento e objetivos são definidos, porém é no desenvolvimento do trabalho que o projeto vai se estruturando. O planejamento é flexível devendo ser constantemente reavaliado e recontextualizado se necessário. É provável que os participantes tenham ritmos, experiências anteriores e expectativas diferentes dos demais. Nesta multiplicidade cada projeto terá um resultado diferente.

A escolha do tema do projeto deve ser observada. Não é uma escolha aleatória, um tema sugerido por um e seguido por todos ou um assunto que eles já sabem. O professor como mediador precisa ouvir seu aluno e orientá-lo para que encontre o motivo da escolha daquele tema.

O critério de escolha de um tema pela turma não se baseia em 'porque gostamos', e sim em sua relação com os trabalhos e temas precedentes, porque permite estabelecer novas formas de conexão com a informação e a elaboração de hipótese de trabalho, que guiam a organização da ação. Na Etapa Inicial, uma função primordial do docente é mostrar ao grupo ou fazê-lo descobrir das possibilidades do Projeto proposto (o que se pode conhecer), para superar o sentido de querer conhecer o que já sabem. (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998, p. 68)

Ao participar da escolha do tema com seu grupo o aluno assume a pesquisa como um desafio e aprende a trabalhar as informações para que se transformem em conhecimento. Nesta busca acabam envolvendo outras pessoas, muitas vezes fora da escola também, afirmando que a cooperação contribui na aprendizagem. Sentindo-se responsáveis por sua aprendizagem trazem a convicção que o professor não tem as respostas para todas as suas questões, portanto são protagonistas de sua aprendizagem, não são passivos.

Um projeto de aprendizagem é guiado pelo abalo das certezas. Fagundes diz que: “Um projeto para aprender vai ser gerado pelos conflitos, pelas perturbações no sistema de significações, que constituem o conhecimento particular do aprendiz.” (1999, p. 16) Portanto, a pesquisa será direcionada na busca de

respostas das questões que satisfaçam a curiosidade e interesse do aluno, ou dos alunos, não impostas pelo professor. O professor é o mediador, o problematizador e o aluno é o agente. As decisões são heterárquicas, as regras são elaboradas pelo consenso do grupo, alunos e professores. Após o levantamento das dúvidas temporárias e certas provisórias, outras surgirão. Será preciso reavaliar e readaptar de acordo com as necessidades, reorganizando o projeto. Portanto, o projeto não pode ser rígido e fechado. Léa Fagundes diz ainda que:

Se o ser humano deixa de ser uma criança perguntadora, curiosa, inventiva, confiante em sua capacidade de pensar, entusiasmado por explorações e por descobertas, persistente nas suas buscas de soluções, é porque nós, que o educamos, decidimos 'domesticar' essa criança, em vez de ajudá-la a aprender, a continuar aprendendo e descobrindo. (1999, p. 18)

As práticas transmissivas adestram os alunos ao invés de ensiná-los a pensar. As atividades em sala de aula são descontextualizadas, fragmentadas e estanques, não permitindo ou estimulando seu aluno a buscar mais do que lhe foi oferecido. É incentivado o trabalho individual, tornando estéril o universo da sala de aula que é rico em motivação, criatividade, interação e possibilidades de inovação, poderia ser mais produtivo com o trabalho cooperativo e colaborativo.

Na pedagogia de projeto o foco é o aluno e sua aprendizagem. São criadas condições facilitadoras proporcionando a construção da aprendizagem, visando o desenvolvimento global do ser. O professor não tem previsão nem pode limitar a sua aprendizagem. Abrem-se possibilidades na qual cada indivíduo seguirá aprendendo conforme seu desejo, ao longo da vida. Citando Hernández e Ventura: “A perspectiva de globalização que se adota na escola, e que se reflete nos Projetos de Trabalho, trata de ensinar o aluno a aprender, a encontrar o nexos, a estrutura, o problema que vincula a informação e que permite aprender.” (1998, p. 66)

Ao escolher a metodologia a ser empregada há um posicionamento político, seja consciente de atuação ou de omissão, deixando tudo como está.

Um ponto de partida para interrogar-se a função social dos professores enquanto intelectuais é ver as escolas como locais econômicos, culturais e sociais que estão inextricavelmente atrelados às questões de poder e controle. Isto significa que as escolas fazem mais do que repassar de maneira objetiva um conjunto comum de valores e conhecimento. Pelo contrário, as escolas são lugares que representam formas de conhecimento, práticas de linguagem, relações e valores sociais que são

seleções e exclusões particulares da cultura mais ampla. Como tal, as escolas servem para induzir e legitimar formas *particulares* de vida social. (GIROUX, 1997, grifo do autor.)

O professor deve trazer para a sala de aula e incentivar que os alunos tragam, de acordo com o assunto trabalhado, desde materiais, recursos e informações como cartazes, fotos, figuras, mapas, jornais, revistas, textos da internet, objetos, pessoas para serem entrevistadas ou ainda sair da escola, tornando o trabalho mais dinâmico e menos limitado. Fugindo das atividades onde o aluno é passivo. A aprendizagem será significativa por haver interação e por aproximar os saberes da escola dos saberes da vida.

Pode-se dizer de maneira geral (não comparando somente cada estágio ao seguinte, mas cada conduta, no interior de qualquer estágio à conduta seguinte) que toda ação – isto é, todo movimento, pensamento ou sentimento – corresponde a uma necessidade. A criança, como o adulto, só executa alguma ação exterior ou mesmo inteiramente interior quando impulsionado por um motivo e este traduz sempre sob forma de uma necessidade (uma necessidade elementar ou um interesse, uma pergunta etc.). (PIAGET, 1986, p. 14)

O professor na posição de aprendiz também precisa participar, ser crítico e criativo. Como articulador do ensino deve estar atento ao desenvolvimento cognitivo, social e afetivo de seu aluno individualmente e no grupo.

A elaboração de um projeto feita em parceria entre alunos e professores deve ser entendida como uma organização aberta, que articula informações conhecidas, baseadas nas experiências do passado e do presente, com as antecipações de outros aspectos que surgirão durante sua execução. Essas antecipações representam algumas certezas e dúvidas sobre conceitos e estratégias envolvidos no projeto. No momento em que o projeto é colocado em ação, evidenciam-se questões por meio de *feedbacks*, comparações, reflexões e de novas relações que fazem emergir das certezas novas dúvidas e das dúvidas algumas certezas. (PRADO, 2005, p. 56, grifo do autor.)

A Pedagogia das Incertezas proposta por Nevado, Carvalho e Menezes (2007), se refere a Educação a Distância e o uso das tecnologias, mas podem ser aplicadas em sala de aula sem o uso das tecnologias. Não parte das certezas, como nas práticas mecanicistas, “mas sim nasce do movimento, da dúvida, da incerteza, da necessidade da busca de novas alternativas, do debate, da troca.” É embasada nas ideias construtivistas de Piaget e na pedagogia de pergunta de Paulo Freire. Propõe “Educar para: a busca de solução de problemas reais; para transformar informação em conhecimento; para a autoria, a expressão, a interlocução; a investigação; a autonomia e a cooperação.”

A complexidade que envolve o trabalho com projetos pode desmotivar o professor que não se sente preparado aos desafios da construção conjunta da aprendizagem. Destituído do título de dono do saber, o professor precisará lidar com questões novas neste processo de ensino-aprendizagem.

Cabe também ao professor mostrar que o conhecimento não está restrito ao ambiente escolar, não é privilégio de alguns, tampouco é propriedade de um ser ou instituição.

Na pedagogia de projeto o professor é levado a criar sua prática pedagógica, não existindo receitas prontas ou um caminho único a ser seguido. O papel do professor é criar situações de aprendizagem, inclusive das relações interpessoais, discutindo as práticas sociais, os valores, as crenças, o próprio contexto em que vivem. O aluno aprende fazendo, portanto, é importante levantar os problemas relacionados com a sua realidade, partindo do seu conhecimento, fazer investigações, comparações, discussões para construir um conhecimento que ajude o aluno a compreender as relações sociais.

A escola como instituição propicia a interação com o meio social. O trabalho com projeto é uma prática democrática, pois oportuniza que todos participem do trabalho contribuindo com o que é possível de cada um. Nesta proposta os alunos com necessidades educacionais especiais, os alunos de inclusão, também tem vez. A vivência de mais esta situação produz no grupo atitudes solidárias levando a convivência pacífica, responsável, cooperativa e tolerante.

Na avaliação classificatória, usada nas práticas transmissivas, avaliar significa medir a quantidade de conhecimentos adquirida pelo aluno, valorizando a capacidade de armazenamento e reprodução. Em pouco tempo o aluno percebe que o mais importante que aprender é mostrar o resultado esperado. Desta forma reproduz-se a classificação social vigente, os mais ricos, os que acumulam mais e demonstram maiores números, valem mais. Os alunos que não apresentam o esperado são avaliados negativamente, afastando-os das práticas educativas por não se acharem capazes. O professor dificilmente se coloca em qualquer parte deste processo “fracassado”, a avaliação é da aprendizagem ou não do aluno. A avaliação classificatória é excludente.

Na Pedagogia de Projeto a avaliação é uma constante investigação que acontece com o diálogo. Como a essência de um projeto na Pedagogia de Projeto é a ação, a valorização da diferença, a construção do conhecimento, a avaliação precisa acompanhar este processo, não apenas o produto final. Não existindo uma forma homogênea de pensar e aprender a avaliação da aprendizagem não pode ser medida em uma escala. O começo da avaliação é detectar os conhecimentos prévios e concepções que os alunos têm sobre o tema. Se possível detectar a forma como os alunos aprendem. Avalia-se como os alunos partilham, interagem, ensinam, compreendem, onde chegaram. Não pode ser um registro de incapacidades, mas orientação para ampliar as possibilidades de aprendizagem individuais e coletivas. Aprender significa aplicar os conhecimentos nas situações reais, não responder mecanicamente questionários e atividades avaliativas. Os professores necessitam estar abertos para aceitar e avaliar resultados e acontecimentos imprevistos, e avaliar seu próprio desempenho dentro deste processo.

4 A PRÁTICA

4.1 Contextualizando a prática

Nesta etapa, relato alguns momentos de minha prática no estágio mediado por intervenções reflexivas e embasamento teórico. Transcrevo algumas falas de três alunos identificados como A, B e C, escolhidos aleatoriamente, recolhidas durante as atividades no decorrer dos projetos trabalhados na intenção da construção da aprendizagem individual e coletiva, não só cognitiva, mas na formação do ser social.

O estágio ocorreu em uma escola pública estadual em um bairro da zona sul de Porto Alegre. A escola é organizada, oferece vários recursos, entre eles a biblioteca que no momento é atendida por uma voluntária, aulas de reforço para alunos com dificuldades, porém no período de estágio o laboratório de informática ainda não estava funcionando.

A turma de quarto ano tem vinte alunos com idades entre nove e treze anos, uma aluna de inclusão com amparo legal e acompanhada em sala de recursos, fonoaudióloga e psicóloga.

Poucos têm acesso ao computador. A maior parte dos alunos mora em uma vila distante aproximadamente duas quadras da escola.

4.2 Investigação e conscientização

Com o objetivo de trabalhar a identidade, localização de tempo e espaço, os alunos pesquisaram sobre suas origens partindo de seus ancestrais. Cada aluno perguntou a seus pais sobre seu nascimento, cidade e hospital onde nasceu, o peso, o tamanho, quem foram seus antepassados, de onde vieram, qual a profissão deles, porque escolheram Porto Alegre para morar. A proposta foi escrever uma autobiografia em forma de livro.

Não só pelo assunto tratado, mas também ao trabalhar com projeto o aluno tem percepção de seu próprio valor, identifica suas capacidades, desenvolve a auto-estima. Assim, torna-se mais seguro para posicionar-se frente às situações vividas, na ação nos grupos de convivência, nas suas escolhas, exercitando sua cidadania.

Na intenção de trabalhar Porto Alegre os alunos foram instigados a pensar como nasce uma cidade. Assim surgiu a proposta de uma arquitetura pedagógica, “estudo de caso ou resolução de problema” sobre Porto Alegre.

Arquitetura de estudo de caso ou resolução de problema - O caso ou problema tem sentido para alguém que necessita saber isto (algo definido pelo sujeito ou pelo grupo). Tal necessidade não se põe a priori, esta é criada pelo próprio sujeito ou é mobilizada por outro ou por situações. De qualquer modo, quando se fala em necessidade criada pelo próprio sujeito não se quer dizer que esta necessidade seja um ato espontâneo. Tem-se em mente que o desejo é capturado por algo que lhe instiga (por ex: uma pergunta, um filme, um problema concreto etc.). A captura deste desejo não se reduz a um estímulo externo com o fim de provocar respostas pensadas por outro. O ato manifesto pressupõe mobilização do sujeito para lançar-se no seu desejo, animado por algo que, à primeira vista, parece extrínseco, mas em verdade é-lhe inteiramente intrínseco, pois não há como mobilizar pensamentos e ações o que inexistem no sujeito. (NEVADO; CARVALHO; MENEZES, 2005, p. 43)

No decorrer da arquitetura pedagógica os alunos pesquisaram na internet, em livro, perguntaram aos parentes que viram o crescimento e desenvolvimento da cidade. Expuseram aos colegas suas coletas e fizeram discussões sobre elas. Trabalharam às vezes individualmente e em outros momentos, em grupo.

As frases abaixo mostram trechos das escritas ou falas de três alunos, referidos como A, B e C, em momentos diferentes, algumas delas compuseram o livro que montamos sobre Porto Alegre.

Aluno A

No início: *Antigamente em Porto Alegre tinha ruas de areia, não existia luz nem carro nem ônibus. O fogão era a lenha.*

No andamento: *Antigamente em Porto Alegre não existia edifícios, as pessoas não andavam de ônibus andavam de bonde, existia poucas casas e não tinha banheiro*

porque não tinha encanamento. As fezes eram buscadas nas casas como é o lixo hoje e eram carregadas pelos escravos em potes chamados de cubos sanitários e eram despejadas no Guaíba.

Aluno B

No início: Em Porto Alegre antigamente não existia carros, não existia prédios e as escolas eram longe das casas. As televisões eram preto e branco porque a tecnologia não era muito avançada.

No andamento: Porto Alegre hoje é formado por muitos bairros tem muitas escolas e ônibus que andam nas ruas que tem calçadas, tem encanamento para o esgoto, tem postos de saúde, policiamento, muitas casas e prédios, lojas e fábricas, tem lixeiro. Também sabemos que a cidade cresceu por causa das construções e a maioria das ruas são asfaltadas. Agora tem eletricidade e televisão e a tecnologia é bem avançada.

Aluno C

Porto Alegre é uma cidade linda! Eu gosto de morar aqui. Umas coisas tem que melhorar que nem a segurança precisa de policiamento principalmente nas vilas precisa acabar com as drogas e os assaltos. Todos nós precisamos fazer alguma coisa para ajudar a acabar com a violência. Não dar dinheiro para as pessoas que pedem porque elas vão comprar droga. E tem que parar com a poluição, melhorar o transporte e os hospitais e melhorar as escolas e construir casas para os mendigos. O lixo não pode ser jogado no chão, tem que cuidar o dia da coleta do lixo.

O aluno A no início do projeto cita de forma breve. No andamento do projeto, além de desenvolver um pouco mais sua escrita, é mais específico em seu relato e explica porque não havia banheiro e como era realizada a coleta das fezes, associando ao que conhece, o recolhimento do lixo. Demonstra que houve aquisição de conhecimento.

O aluno B também tem a escrita breve no início do projeto e cita desordenadamente: “carros”, “prédios”, “escola” e “televisão”. No andamento do

projeto já faz uma referência mais ordenada, como se visualizasse: o bairro, a escola, o ônibus, o calçamento. E ainda, explica como reconhece o crescimento da cidade.

O aluno C expressa sua preocupação com a cidade, com o bem da coletividade, busca justificativa e solução para os problemas e se coloca como atuante neste processo de melhoria. Demonstra conscientização de sua realidade.

Os alunos evidenciam sua aprendizagem ao expressar o assunto trabalhado com suas palavras, não com respostas mecânicas, decoradas, confirmando que não há uma única resposta, “a resposta correta”. A medida em que sua expressão é aceita e valorizada, ele firma seu conhecimento, construindo sua aprendizagem. Pelas demonstrações das aprendizagens destes alunos identificam-se características importantes que contribuem para a formação do ser social.

A finalidade do *ensino* é promover, nos alunos, a compreensão dos problemas que investigam. Compreender é capaz de ir além da informação dada, é poder reconhecer as diferentes versões de um fato e buscar explicações além de propor hipóteses sobre as consequências dessa pluralidade de pontos de vista. (Hernández, 1998, p. 86, grifo do autor.)

Na turma havia um aluno que costumava contar histórias, vividas por ele ou notícias que o impressionaram. Então, surgiu a ideia de trazermos para a sala de aula notícias da cidade. A cada semana três alunos escolhidos previamente traziam, cada um, uma notícia da cidade de Porto Alegre, de jornal, televisão ou rádio. A turma pensava e debatia as causas prováveis do acontecido, possíveis soluções, o que poderia ter sido feito para que o fato não ocorresse. Nesta discussão os alunos refletiam sobre cada situação, ouviam outros pontos de vista, posicionavam-se e expressavam sua opinião. Este movimento fez com que comparassem cada situação com suas vivências, aproximando o assunto da vida com os assuntos da escola, a escola trazendo a realidade para dentro da sala de aula. Fernando Becker (2001, p. 73) escreve que:

A educação deve ser um processo de construção de conhecimento ao qual acorrem, em condições de complementaridade, por um lado, os alunos e professores e, por outro, os problemas sociais atuais e o conhecimento já constituído ('acervo cultural da humanidade').

As questões sociais e situações problema vividas pelo aluno devem ser trazidas para a sala de aula. Ao perceber que podem pensar soluções para

problemas reais tomam consciência de sua realidade e sentem-se participantes desta sociedade, capazes de interferir. Se não agora enquanto são crianças, mas já despertados para uma consciência crítica.

4.3 Cooperação, expressão e autoria

Decidimos filmar os alunos narrando as notícias que trouxeram em forma de telejornalismo. Os alunos liam a notícia, depois reproduzíamos no notebook em sala de aula e todos faziam as críticas e debatíamos sobre a filmagem, a necessidade de melhorar a postura, a leitura. Em outro momento refazíamos a filmagem tentando melhorar o que foi discutido.

A contribuição e cooperação de todos os alunos são fundamentais para que quem esteja sendo filmado não desvie sua atenção, para que haja silêncio na sala, para que haja cooperação para o bom andamento do trabalho. Este é um exercício de cidadania e respeito que precisa ser trabalhado também dentro da escola, dentro do grupo de convivência. Porém, é necessário respeitar as características das fases do desenvolvimento da criança descrita por Piaget (1986, p. 43): “Do ponto de vista das relações interindividuais, a criança, depois dos sete anos, torna-se capaz de cooperar, porque não confunde mais seu próprio ponto de vista com o dos outros [...]” Não é possível exigir da criança a postura de uma etapa que ela ainda não completou.

Com a proximidade da Copa do Mundo os alunos começaram a trazer figurinhas, álbuns, reportagens e tabelas de jogos. De imediato o interesse pela Copa do Mundo foi inevitável. Surgiu assim a ideia de outra arquitetura pedagógica, Projeto de Aprendizagem sobre a Copa do Mundo. A sugestão foi sobre os países participantes, mas ao listar o que sabíamos e o que gostaríamos de saber os alunos foram definidos outros temas, formando grupos pelo interesse dos alunos nos temas. Depois de fazer o quadro de dúvidas e certezas, pesquisaram na internet, na biblioteca da escola e pediram ajuda em casa para fazer a pesquisa.

Além do tema de seu grupo os alunos traziam o que era de interesse de todos sobre a Copa do Mundo. Assim outros aspectos foram abordados pelo andamento natural do projeto e que não haviam sido planejados, como as atitudes próprias às práticas esportivas e as inaceitáveis; o vocabulário do futebol, as expressões e palavras e seus significados, usadas e criadas por locutores, torcedores e jogadores de futebol. Em outro momento, em um texto sobre a evolução da bola de futebol na Copa havia referência a uma bola formada por 32 gomos, 12 em forma de pentágono e 20 em forma de hexágono. O interesse acabou focado nas formas geométricas. Mesmo não estando dentro do planejamento trabalhamos as figuras geométricas, seus nomes e objetos que conhecemos com a mesma forma.

O planejamento em um projeto de aprendizagem não pode estar engessado, precisa ter flexibilidade para a qualquer momento mudar o rumo ou dar uma breve pausa para voltar-se a um interesse ou curiosidade dos alunos, mais intensos naquele momento.

Para Hernández (1998, p. 85) “[...] os projetos permitem aprender o não previsto pelos especialistas, que costumam ter uma concepção de ensino mais pendente da organização sequencial das didáticas específicas do que das possibilidades de aprender dos alunos.” Muitas vezes no andamento de um projeto, o professor não percebe que os alunos estão demonstrando outros interesses e perde a oportunidade de trabalhar outros temas.

A flexibilidade no projeto mostra aos participantes que além das estratégias e metas traçadas, ocorrem situações não previstas. E mesmo não estando registradas no planejamento podem surgir em benefício da aprendizagem. Sejam em relação a conteúdo como o citado acima, como também imprevistos ocorridos na vida, preparando-os para a atuação do ser social, nas relações sociais.

A aluna de inclusão trouxe para a sala de aula espontaneamente, um cartaz que confeccionou em casa, com bonecos utilizando as figuras geométricas trabalhadas. Esta manifestação demonstra que ela se sentiu motivada e capaz de produzir. Ao partilhar com os colegas mostrou-se integrada com a turma e interessada no conteúdo trabalhado. A aluna buscou trabalhar as formas

geométricas e expressar de forma própria, exercendo a autoria de sua aprendizagem e demonstrando autonomia neste processo. Não há uma única forma de aprender ou de expressar, deve haver respeito a cada indivíduo na construção de sua aprendizagem.

No entanto, qualquer professor reconhece que, na sala de aula, os alunos aprendem de maneiras diferentes, que alguns estabelecem relações com alguns aspectos dos trabalhos em aula e outros se 'conectam' a conteúdos diferentes. A relação em aula não é unidirecional e unívoca. Ao contrário, caracteriza-se por sua dispersão e pela reinterpretação que cada estudante faz daquilo que supostamente, deva aprender. Nos projetos, são essas versões, essas apropriações o que se tenta fazer que aflore. Nos projetos, potencializam-se os caminhos alternativos, as relações infrequentes, os processos de aprendizagens individuais, porque, deles, aprende o grupo. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 84)

Ao trabalharmos com projeto os alunos se sentem à vontade para questionar, criar, expressar suas dúvidas, descobertas e conclusões. O grupo habitua-se a aceitar e valoriza a demonstração de cada indivíduo. O aluno percebe que na escola não há uma única resposta, uma maneira correta.

4.4 Autonomia e interação

Outro projeto trabalhado foi sobre a água. Usamos livros, jornais e a internet para pesquisar e procuramos vídeos para trabalharmos o ciclo da água, a importância na nossa vida, a poluição e preservação e com o enfoque principal no que cada um de nós pode fazer para preservar a água. Entre outras atividades fizemos experiências para identificar e caracterizar os estados físicos da água e a passagem de um estado para outro, as características da água pura, a solubilidade e permeabilidade de determinados materiais.

A possibilidade dos alunos mesmos fazerem as experiências junto com os colegas e discutirem enquanto testam, teve significado diferente para eles, do que fazer em casa sozinhos. A interação além de estimulante produz a discussão de vários pontos de vista em toda a etapa do processo. Desde a preparação da experiência, como e em que momento será realizada, que material precisa, o que foi

observado, o que e porque ocorreu. É necessário ouvir, refletir, concluir mesmo que temporariamente.

Ao trabalharmos a importância da água na nossa vida, sobre poluição e preservação e o que cada um de nós pode fazer para preservar, os alunos trouxeram notícias e reportagens sobre o tema, além de uma infinidade de relatos de suas vivências. Novamente os fatos reais foram trazidos para serem discutidos dentro da sala de aula.

É preciso despertar nos alunos a preservação da natureza levando-os a conscientizarem-se dos fatores que ameaçam o meio ambiente e seu equilíbrio. Conscientes de sua integração e interferência neste universo participam da preservação da natureza, atuando como ser social.

É frequente ouvir dos alunos relatos expressando surpresa ou indignação quando observam as atitudes de adultos que não dão importância aos cuidados devidos para a preservação da água. Transcrevo abaixo algumas falas e escritas dos alunos que demonstram preocupação ou sugestão deles sobre a utilização da água.

Aluno A:

*Para lavar o carro e a calçada e para lavar a louça primeiro tem que ensaboar e depois enxaguar para não gastar a água tratada, não pode deixar a água escorrendo.
Não pode deixar a torneira aberta.
Tome banho curto.*

Aluno B:

Eu sei que a água limpa é gostosa e tem “mili uma utilidade”, uma delas é que a água serve para lavar alimentos e também serve para escovar os dentes e lavar as mãos.

A água que nós bebemos sai do Guaíba e passa por tratamento em um monte de tanques antes de chegar na nossa casa.

Aluno C:

Eu percebo que as pessoas limpam a calçada com a mangueira e também

escovam os dentes com a torneira aberta. Eu percebo que gastam muita água com coisa que não precisa.

Aprendemos que a água é muito importante para nós porque sem ela nós não poderíamos tomar banho nem beber água. Beber água limpa faz bem para a saúde.

Se nós “disperdiçar” a água do planeta vai acabar.

Quando chove a minha mãe coloca baldes na rua, depois usa a água da chuva para lavar a calçada e a minha bicicleta.

Como o assunto tratado é de uso e conhecimento de todos, o tema discorreu com facilidade e participação constante. No início do projeto foram relatadas situações observadas e vividas pelos alunos, entretanto durante o projeto, os relatos traziam uma visão crítica do uso da água. O aluno A cita atitudes que desperdiçam a água e sugere como economizar. O aluno B traz exemplos do uso da água, faz referência de onde ela vem, do processo de tratamento que passa para depois abastecer a cidade. O aluno C no seu relato demonstra a consciência das atitudes impróprias, associa o consumo de água potável a saúde, expressa a preocupação com a falta da água e narra atitudes da mãe que contribui positivamente. Os alunos, em seus relatos, declaram-se conscientes da participação e responsabilidade de todos, inclusive deles mesmos, na preservação da água.

Compreender é uma atividade cognoscitiva e experimental, de tradução-relação entre *um original*, ou seja, uma informação, um problema, e o conhecimento pessoal e grupal que se relaciona com ela. Essa relação supõe estabelecer caminhos entre o passado e o presente, entre os significados que diferentes culturas outorgam às manifestações simbólicas e às versões dos fatos objetos de estudo. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 87, grifo do autor.)

Em um projeto de aprendizagem os alunos realizam experiências, participam, trazem informações, cooperam, ouvem outros pontos de vista, discutem com os colegas, expressam suas dúvidas, questionamentos e conclusões, tornando a sua aprendizagem significativa. Estas ações aprimoram as relações interpessoais preparando-os para o exercício da cidadania e contribuem para o desenvolvimento da autonomia.

Desenvolvida a autonomia, o indivíduo será capaz de tomar suas próprias decisões e ter consciência de suas capacidades e aprendizagens. O professor não

é responsável pela autonomia de seu aluno, mas deve buscar meios que o ajude a desenvolvê-la. Paulo Freire (1996, p. 107), em *Pedagogia da Autonomia*, diz:

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade.

Nos projetos de aprendizagem como muitas das atividades são de interação, criatividade e cooperação entre os alunos, observei que estas podem levar mais tempo que o esperado para serem realizadas. O professor não pode estar atrelado aos conteúdos ou prazos. Como orientador precisa estar atento as necessidades individuais de seus alunos, não querendo impor o seu ritmo, permitindo que seu aluno realize no seu próprio ritmo.

A personalidade começa no fim da infância (8 a 12 anos) com a organização autônoma das regras, dos valores e a afirmação da vontade, com a regularização e hierarquização moral das tendências. Mas, há mais na pessoa do que estes valores isolados. Há sua subordinação a um sistema único que integra o eu de modo *sui generis*. Existe, portanto um sistema 'pessoal' no duplo sentido de particular a um determinado indivíduo e de implicar uma coordenação autônoma. (PIAGET, 1986, p. 66, grifo do autor.)

Cada aluno é um ser único, devendo ser respeitadas suas características, cada etapa de seu desenvolvimento e seu ritmo de aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É por necessidade ou insatisfação que o homem se move, procura novas alternativas, descobre, inventa. Porém, fazer um movimento para que haja mudança exige além da vontade, acreditar que se pode modificar o que parece estar estabelecido.

Ao longo do tempo percebi que os alunos têm muita dificuldade em fazer escolhas e para a maioria dos pais e alunos o conceito de estudar e aprender é escrever várias páginas no caderno. Outras atividades que envolvam a atuação dos alunos para eles significam brincadeira, e na opinião deles, esta não produz aprendizagem.

Minha ação como professora vem sendo modificada desde o começo da graduação e a busca pelo curso já demonstrava minha insatisfação. A necessidade de modificar algo, pela observação das atitudes dos alunos e suas famílias em relação à escola e pelo meu desejo de construir uma sociedade igualitária.

Uma sociedade igualitária trata, respeita e valoriza da mesma forma todos. Mas como falar de igualdade se a escola, que é o começo das relações sociais, encara o professor como dono do saber, colocando-o em posição superior e induzindo a pensar que quem não tem este saber ocupa uma posição inferior. Transmitir informação não é produzir conhecimento. De que forma este indivíduo se tornará um cidadão? As práticas são determinadas pelo contexto social que por sua vez está ligado a uma ideologia política.

A escola sempre foi vista como a principal responsável pelo ensino e acredita-se que somente as práticas escolares são válidas para a aprendizagem. Outras práticas são ignoradas. Assim, acaba-se doutrinado através de uma pedagogia cerceadora que padroniza, treinando executores de ordens sem posicionamento crítico.

As práticas transmissivas destacam competências e desenvolvem habilidades individuais específicas necessárias ao sucesso e aprovação escolar, valorizando e avaliando uma pequena parte do indivíduo. Distancia da escola as crianças menos favorecidas do ponto de vista do nível socioeconômico, crianças

que têm mais dificuldade ao acesso e acompanhamento das práticas escolares em casa.

A escola precisa ajudar a cada aluno a encontrar e desenvolver suas potencialidades e capacidades para que ao longo de sua vida possa fazer escolhas mais acertadas para ter uma vida próspera e feliz.

A Pedagogia de Projeto por articular os saberes da escola com os saberes da vida de forma tão natural e associado a outros saberes do aluno que ele não sente o assunto tratado como algo abstrato ou fragmentado, é agregado complementando seu saber.

Ao perceber o próprio crescimento, o indivíduo acredita em sua capacidade de compreensão adquirindo confiança para continuar buscando mais e sempre. Quando apresentamos um assunto completamente desconhecido onde ele não pode agregar ou associar a nada, além de não aprender, ele acredita que não tem capacidade, desistindo muitas vezes de dar continuidade aos estudos.

Fazendo um paralelo entre a sua história e a história da cidade, o aluno percebeu que assim como ele, a cidade também cresceu, se desenvolveu. Ao trazer para a sala de aula o que o aluno conhece, fatos de sua vivência, estimula que ele associe, reflita, compare, conclua, acrescentando mais informações que serão agregadas, construindo o conhecimento.

Durante a graduação li, discuti e elaborei algumas arquiteturas pedagógicas em grupos, com algumas colegas. No entanto, elaborar uma arquitetura pedagógica com uma turma de crianças eu ainda não havia experimentado. Não me sentia muito segura, porém os anos de experiência no magistério e o suporte teórico da graduação me deram confiança para fazer novas tentativas. Nevado, Carvalho e Menezes dizem: “Os professores são imprescindíveis para criarem e reinventarem as arquiteturas pedagógicas, bem como trazem consigo bagagem disciplinar fundamental à proposição de novas didáticas e à orientação dos estudantes.” (2005, p. 40)

Hoje percebo em minha sala de aula que os alunos são mais decididos em suas atitudes, na sua expressão, na escolha de brincadeiras, nos questionamentos e na argumentação de seus pontos de vista. Quando trabalhamos com fatos reais na discussão e conclusão levamos em conta as variantes que podem interferir,

confirmando que não há uma única solução para um problema.

Ao admitirmos a pluralidade, as diferenças e pela complexidade das relações sociais é difícil propor dinâmicas de interação que contemplem esta diversidade. Porém a Pedagogia de Projetos pode facilitar esta interação, buscando alternativas, articulando, contextualizando, considerando a vivência do aluno, trabalhando temas de interesse individuais e coletivos.

Observei nos projetos trabalhados com meus alunos que eles participaram com entusiasmo e buscaram informações porque tinham conhecimento prévio sobre o assunto. Todas as contribuições que trouxeram foram valorizadas, incentivo para buscarem mais. Como resultado percebo uma nova postura em meus alunos. Ouço com frequência o comentário deles sobre a falta de cuidados necessários à preservação da água.

É preciso mudar as práticas pedagógicas para preparar cidadãos críticos, inseridos e participantes do processo de desenvolvimento, propagar valores baseados na solidariedade, pois as relações sociais têm provocado a exclusão das classes menos favorecidas. Com a Pedagogia de Projeto, temos a possibilidade de mudar os paradigmas convencionais do ensino para construirmos uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando. Modelos Pedagógicos Epistemológicos. In: **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: ARTMED, 2001. Cap. 1, p. 15-32.

_____. O que é construtivismo. In: **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: ARTMED, 2001. Cap. 4, p 69-79.

FAGUNDES, L.; SATO, L.; MAÇADA, D. **Aprendizes do Futuro: as inovações começaram!** Coleção Informática a para mudança na Educação. Brasília, MEC, 1999. Disponível em: <http://www.oei.es/tic/me003153.pdf> Acesso em 06 out. 2010.

FERREIRA, Aurélio. **Miniaurélio Eletrônico versão 5.12**. Editora Positivo, 6ª ed., 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROUX, Henry A. **Professores como Intelectuais Transformadores**. In: Giroux, Henry A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, 157-164. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/030/30pc_giroux.htm Acesso em 06 out. 2010.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e Mudança na Escola os projetos de trabalho**; tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M.. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

NEVADO, R. A; CARVALHO, M. J. S.; MENEZES, C. S. (org.) **Aprendizagem em rede na educação a distância: estudos e recursos para formação de professores**. Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2007.

PIAGET, Jean. **O desenvolvimento mental da criança**. In: Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro, 1986.

PRADO, M. E.; MORAN, J.. **Integração das Tecnologias na Educação**/Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.204p.;il.